
Política



1 9 2 9

Ano I

N.º 2

ADMINISTRADOR — *H. de Mendonça Dias* (F. D. U. L.)

EDITOR — *Fialho Barreto* (E. S. M. V.)

PROPRIEDADE—SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.^a (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.º

SUMARIO

1 de Maio.....	<i>Rollão Preto</i>
politica Academica — ouvindo o Sr. L. N. Soeiro	<i>Antonio Julio Castro Fernandes</i>
politica Academica—publica uma carta do Sr. Pedroso de Lima	
a Anti-Nação	<i>Ruy d'Almargem</i>
Antero	<i>A. de Mendonça-Dias</i>
mais duas Liras emudeceram.....	<i>F.</i>
ao ritmo da Ampulheta.....	

ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Portugal e Ilhas.....	10\$00
Provincias Ultramarinas	15\$00
Estrangeiro	20\$00

Numero avulso 1\$50

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO

Director — A. de Mendonça-Dias (F. S. U. L.)

Lisboa, 1 de Maio de 1929

1 de Maio

O CIDADÃO BROWNING ERA DEMOCRATA!

UMA DATA QUE PERDEU O SENTIDO
A AMERICA E O MUNDO A CAMINHO DA DESPROLETARIZAÇÃO
A MONARQUIA SOCIAL

ARRASTANDO-SE ainda, por impulso adquirido no equivoco liberal-democrata, a politica de especulação proletaria — que se serve dos operarios para satisfazer ignobeis ambições de mando e benesses adredes — vai dia a dia esmorecendo na sua virulencia demagogica. O fenomeno é claro e demonstra-se sem sofismas, estudando a curva da decadência das manifestações grevistas e dos outros já classicos movimentos politico-operarios.

As manifestações do 1 de maio, por exemplo, entraram seguramente no capítulo inglório dos *faits divers*. Na rotina das festas do ano inscreveu-se a mais aquela patuscada aburguezada e violeira como as outras.

Pois não era assim ainda não vai longe. O 1 de maio de 1919, por exemplo, aterrou *Paris* com a mobilização de 100.000 grevistas, que empunhavam as famosas bandeiras negras com inscrições sinistras e ameaçadoras, a cheirar ao petroleo da comuna. «L' Humanité», o órgão operário, incendiava os espiritos com declamações ferozes de guerra social. Nas suas colunas abriu-se mesmo uma rubrica para as fases da batalha... O avanço do movimento grevista era *comunicado* como se fôra o avanço da conquista proletária, definitiva e segura, em *vagas d' assalto* da Construção Civil, dos Transportes, do Pão, do Ferro, dos tecidos etc. etc.

Repetiu-se em 1920 a ameaça, mas já descolorida pelo fiasco e pe-

POLITICA

la reacção das organizações patriotas—antigos combatentes, Action Française, Ligue Civique... De então para cá a agonia do 1 de maio é manifesta. Já não tiram o sono á Burguesia os cortejos revolucionários que nesse dia atravessam arrogantes os *boulevards*... para ir comer alegres e vitoriosos a merenda anual em honra das vitimas da sanha capitalista *Yanquee*.

E' que a data famosa já não tem sentido, hoje que o mundo marcha á conquista de novos metodos de trabalho que comportam o equilibrio hierarquico e tecnico dos trabalhadores—Capital, Tecnicidade, Mão d'obra.

O Equivoco desfaz se. Na America então—singular coincidência—na America então, o triunfo da *standardização* e do *super-capitalismo* poz uma tal distancia entre os tempos anarquicos dos massacres operarios e o tempo presente que a festa do 1 de maio deve ter para eles o vago sentido duma reminiscencia das eras Incas...

Na America, com efeito, a guerra social, equivoco gerado pela ignorancia e pelos erros dos apóstolos da Social-democracia e mantido atravez dos velhos metodos do egoismo liberalista, na America a greve social é hoje um absurdo a arquivar no Museu já vasto das absurdidades humanas—Democracia, Livre Pensamento, Direitos do Homem, etc.

País do Pragmatismo, a logica das necessidades imperiosas da civilização criou naturalmente o equilibrio dentro da Produção, dando a cada um dos seus elementos essenciaes as garantias necessarias á sua função e cada vez mais á sua propria existencia.

Qual é hoje o operario americano que sepreza que não tem a sua parte nas *ações* da Empreza onde trabalha, associando assim o seu destino ao destino do proprio capitalismo, que vive da Empreza mas... faz viver a Empreza? O operario que vai de *Ford* para o trabalho por ter carro seu ou de sociedade com os seus camaradas é um facto já velho e simbolico.

Mas ha mais, e melhor. Bastas já são as emprezas americanas que destinam um dia da semana, além do descanso, para que os... operarios sejam apenas *consumidores* como todos os burguezes.

E' a vida de todos os dias, é a vida da familia, é a propria vida dos filhos e seu futuro, que o super-capitalismo procura regular, manter, e assegurar nas suas sabias providencias todos os dias renovadas e aperfeçoadas. São as participações nos lucros pelas ações, são os subsidios aos bancos operarios, quando não a iniciativa da sua criação, são as escolas profissionais gratuitas, são as proprias distracções como as colonias de ferias e ferias pagas para os operarios poderem viajar e instruir-se.

E' o *Banco Corporativo Nacional* de Cleveland, o *Amalgamated* de vestuario de Nova York, o *Banco dos Telegrafistas e Vias Ferreas* de St. Luis, o *Banco das Uniões locais e Sindicatos* de Nova York e de Pittsburgh, etc. E' o *Ruskin College* d'Oxford, o *Rand School for Social Sci-*

ence de Nova York, o Brookwood College de Katonah, o Labor College de Filadelfia, etc.

E' a vida prevista e organizada pelos metodos cooperativistas e sindicais, tendo a ajudá-la todas as possibilidades do super-capitalismo moderno.

Tem defeitos a concepção americana?

Evidentemente! Mas quão diferente não é hoje a situação do proletario do que era aí ha 50 anos!

Não. O erro não estava na propriedade, mas sim no sentido que as velhas gerações dela tinham. A propriedade aparece assim plenamente consagrada pelo proveito social que dela se tira. Apoiando-se nela, a civilização desenvolve-se e transforma-se sem cessar.

Razão tinha Taine quando dizia a Bourget. ⁽¹⁾ *«Ce n'est pas la société qui crée la propriété, c'est la propriété qui crée la société, par la réunion des possesseurs qui se groupent pour se défendre».*

O sentido social da propriedade, eis uma das grandes lições dos tempos novos, que plenamente confirma as lições dos velhos tempos.

A ordem e a autoridade aparecem de subito restauradas e com o seu verdadeiro perfil. Ordem não queria dizer inercia, autoridade não queria dizer injustiça. Bem ao contrario de que nos acostumara a liberal democracia a julgar, ordem e acção eram sinonimos; justiça e hierarquia eram irmãs.

A anarquia era a morte da Produção e conduzia rapido ao massacre dos trabalhadores, ou pela fome como na Russia, ou pela metralha nas barricadas da democracia, pois que o cidadão Browning é de pura origem democrata...

Eis porque o 1 de maio perdeu o significado que alvoraçava o inquieto coração do proletariado.

A evolução do mundo moderno desmentiu todas as conclusões socialistas em nome das quais se assaltou a barricada Burgueza... em nome das quais se foi ao massacre. Karl Marx enganou-se.

A luta de classes é uma ficção que só serviu para atrazar a marcha da civilização moderna. O interesse dos trabalhadores dum empreza é que ela progrida e frutifique cada vez mais em proveitos, para bem do Salario... para bem das novas tentativas do Capital.

O erro fundamental de Marx, erro que viciou todas as suas previsões, está na sua concepção de propriedade. Julgar o valor da propriedade, não em função dos varios factores sociais, historicos e técnicos dum epoca economica, mas no seu sentido de imobilidade e no seu coeficiente fiscal, eis uma velha e absurda concepção que clama contra as suas determinantes inodernas, *credito, cambio, tempo*.

Partindo desta base grosseira e simplista, o marxismo na Russia

(1) «Renan et Taine après 1870», artigo de «La Revue Universelle», de Paul Bourget.

POLITICA

socializou toda a grande massa da propriedade capitalista, terra, minas, fábricas e... ficou na miseria.

Os erros da democracia social não resistem á critica mais sumaria da economia moderna.

Anunciou-se como fatal perante a logica marxista a concentração da propriedade agraria. Não assistimos, ao contrario, á sua fragmentação incessante?

Reclamou-se a democracia no trabalho. Eleição dos dirigentes, fiscalização operaria, partilha integral de lucros e... a experiencia russa é bem o *pendant* da experiencia americana.

Mais que nunca a necessidade do *chefe* se impoz como a condição indispensavel do bom funcionamento da empresa. Mais que nunca a complexidade da Technica determinou e impoz a capacidade dos dirigentes. Mais do que nunca o segredo dos negocios da empresa é um dos grandes factores do triunfo perante a guerra economica aquem e alem fronteiras. Mais do que nunca as grandes perturbações internacionais, determinando crises graves nas industrias, põem em risco a empresa, se ela não tiver poderosas reservas para os anos de *deficit*, ou para as grandes transformações de material (1).

A falencia da democracia social é assim tão clara e segura como a falencia da democracia politica. Na ordem politica moderna é o triunfo do *chefe*, chefe indiscutivel e sagrado, *chefe* que não nasce no acaso absurdo das urnas nem lhe está á mercê. E' a vitoria da Monarquia do interesse nacional. Na ordem economica e social é o *chefe* tambem que conquista definitivamente os seus direitos, impondo a sua vontade, estatuinto o caminho da empresa, defendendo-a, protegendo-a, indiscutivelmente, mono-arquicamente. E' o triunfo da Monarquia Social.

Primeiro de Maio, como estamos longe do seu monarchico passado... Louvado Deus!

Rollão Preto

(1) O exemplo de Ford que ao fim duma longa carreira industrial teve de mudar todas as condições da sua technica e isso num prazo curto, mostra a necessidade dum capital-reserva como unica garantia da empresa.

Por recepção tardia do original, só no próximo número publicaremos a Carta de Madrid do nosso illustre camarada o Sr. Dr. José Pequito Rebelo.

politica

■ ACADEMICA ■

ouvindo

O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ACADEMICA
DE LISBOA

LUIZ NAVARRO SOEIRO

É na verdade extranho que, numa revista feita por estudantes e para estudantes, eu vos tenha de apresentar o Luiz Soeiro, presidente da Federação Académica de Lisboa... Mas tem de ser, não só porque as regras do «bom entrevistador» assim o exigem, como também porque os estudantes da nossa terra só vagamente sabem que existe algures, uma Federação que os representa e defende e zéla os seus interesses académicos, e que esse organismo possue, como todos os organismos, uma direcção e um presidente da mesma.

... Pois o Luiz Navarro de Soeiro, quintanista de medicina, quer dizer, medico daqui a dois mezes, é o Presidente da Federação, da velha e saúdosa Federação Académica de Lisboa. E é um presidente atarefado, porque me vi doído para lhe impor um momento de repouso, momento em que ele me despejou dum folego, com o olhar incendiado pela pressa, as palavras rapidas que eu fielmente translado. Oxalá que, para o ano, quando presidente da Federação já não fôr, para em clínico se tornar, a clinica o obrigue a sêr assim, apressado e rapido, fazendo correr num trote fogoso a sua mula de Físico celebre.

A entrevista não se fez, como quasi todas as entrevistas de estudantes, a uma meza loquaz do loquaz Martinho mas sim na antecamara duma enfermaria do Hospital de Santa Marta, uma enfermaria com muitas letras e muitos numeros.

Meu caro Soeiro, a **Politica** ao iniciar a sua secção academica desejava arquivar algumas palavras suas, sobre os actuais problemas «estudantis»...

Optimo! Não pode deixar de sêr muito simpatica esta acolhedora ideia da vossa «Politica» — reservando duas páginas para a livre defêsa dos interesses Academicos!..

Quanto depoimento interessante para a historia do momento Academico de Lisboa, se tem perdido, exactamente pela falta duma Revista ou jornal que nos pertencêsse exclusivamente?!..

No fim do ano lectivo serâ publicado o *Boletim da F. A. L.* e, des-

te modo, será remediado em parte aquele inconveniente!.. Até lá... a hospitalidade tão amavel dalguns diarios e agora a vossa, que é de camaradas e por isso mesmo preferivel, vai suprimindo aquela falta.

— Qual tem sido a acção da Federação no que respeita ao interessantissimo e tão debatido problema da «Casa dos Estudantes»?

— Eis um problema que merece o nosso maior entusiasmo... O seu aspecto actual é este: Está criado um subsidio para a realização das Residencias nas três principais cidades do País e nomeada uma Comissão presidida pelo Sr. Eusebio Tamagnini, para a administração desse dinheiro. Uma outra Comissão, presidida pelo Professor Agostinho de Campos, estuda a regulamentação da instalação das Residencias! Não faltam nestas Comissões nomes de incontestavel prestigio e vontades de incontestavel tèmpera, para julgarmos para breve a realização deste sonho, que bem merece o interesse que lhe manifestam os Poderes Publicos.

Simplesmente, torna-se necessario que aquelas Comissões, chegadas a um acôrdo— e esse deve sêr no meu entendêr a construção e não uma adaptação como se pensava— entrem o mais breve possivel no campo das realidades!— Nas conversas que tive com o Sr. Ministro da Instrução e alguns Membros da Comissão presidida por esse lúcido e brilhante espirito que é o Sr. Agostinho de Campos, manifestei-lhes sempre o legitimo desejo que a Federação tinha de ser ouvida quando da definitiva organização dos estudos a que procedem. Foi esta a promessa do Sr. Ministro e é esta, estou convencido, a intenção dos Membros da Comissão.

Mandámos já imprimir o *Questionario* que a todos os estudantes vamos dirigir, e que tende a pôr em evidencia as condições pessimas em que vive a maioria dos nossos colegas em Lisboa.

Só agora o podemos fazer porque tambem só agora conseguimos receber parte do subsidio de que é oficialmente dotada a Federação, e como sabe... os nossos recursos são... modestos!

— E esse inquerito...

— Este inquerito tem o altissimo valôr de demonstrar a necessidade de se construir primeiramente a Residencia de Lisboa, pois é na Capital que a população academica é maior e onde difficuldades de toda a ordem mais preocupam o estudante.

Tanto em Espanha como em França as primeiras Residencias foram construidas primeiro nas capitais e não há razões para aqui não succeder o mesmo! Em Lisboa ha perto de 3.000 estudantes das Escolas Superiores e isto parece-me um argumento....

Tenciono inaugurar na primeira quinzena de Maio, uma serie de conferencias, com o patrocínio do Reitor da Universidade e será uma optima oportunidade para tratarmos deste assunto com mais larguêsa!

— Por quem serão feitas essas conferencias?

- Estas palestras gostaria que fossem na sua maioria feitas por estudantes.

Fica desde já o pedido aqui feito!

Estou convencido que há alguns colegas capazes de fazerem essas pequenas conferencias sem derrotismos e com o interesse vivo que caracteriza os espiritos moços! Vença-se a inercia e... o pudôr de falar em publico. Comunicar aos nossos concidadãos as nossas impressões, as nossas conclusões sôbre quaisquer problemas de manifesto interesse colectivo é mais do que louvavel, é um dever!

Conto tambem com a valiosíssima colaboração dos Srs. Prof. Reinaldo dos Santos, Ministro de Cuba, o Sr. Henrique Molina, e outros.

—Mas... falemos doutro assunto de importancia magna, neste momento.

— Bem sei; você quere-se referir às épocas de exame e modificação do Estatuto Universitario!...

Logo que tomámos posse, em Janeiro, procurámos o Sr. Ministro da Instrução, a quem fomos expor a situação difficil em que os estudantes da Universidade estavam colocados, depois da publicação dalguns decretos do outro Ministro cessante, que vieram ferir profundamente as nossas mais justas regalias, dando origem ao conflito do ano passado.

Do nosso lado, estava como está, a opinião unânime dos Conselhos Escolares, manifestando a necessidade de manter por um periodo transitorio o regimen das duas épocas de exame. Consegui nessa altura uma reunião dos Presidentes das Associações Academicas e ficou resolvido entregarmos uma representação ao Senhor Reitor da Universidade, expondo-lhe os nossos argumentos e pedindo-lhe para patrocinar a nossa causa. O Prof. Silva Teles, que merece de todos os estudantes de Lisboa a maior admiração e estima, envidou todos os seus esforços, juntamente com os nossos, para que a questão se resolvesse como desejamos.

Entretanto, das conversas que tivemos com o Sr. Ministro, colhi-mos a impressão mais animadôra...

—Conhece quais foram as modificações ao Estatuto Universitario, ultimamente publicadas?

—Estou convencido da boa vontade do Senhor Ministro, mas a possibilidade de aproveitar condicionalmente a 2.^a epoca de exames que foi dada aos cursos com mais de 5 cadeiras, não vem resolver a situação e parece-me até uma outra complicação sem vantagem para o ensino ou para nós.

Há cursos com 5 cadeiras ou menos, que são incomparavelmente mais dificeis do que outros com 8, por exemplo cito-lhe o 1.^o e o 4.^o anos de Medicina! A difficuldade está na qualidade e não na quantidade. De resto, se não tinham sido modificadas as condições de estudo que tinham creado uma 2.^a epoca de exames, reconhecidamente **necessaria por quasi todos os Professores**, como se compreende que agora sêja, pode-se di-

POLITICA

zêr, eliminada, continuando a vigorar o mesmo regimen e a mesma organização dos cursos?!..

Procurámos em principios deste mês, juntamente com os representantes dos nossos colegas de Coimbra e Porto, o actual Ministro, a quem fomos expôr os inconvenientes que este decreto nos trazia.

Entretanto o Senhor Reitor da Universidade pedia a demissão.

O Sr. Prof. Gustavo Ramos, estamos convencidos, tem a maior boa vontade em resolver como é justo e como mais convem ao ensino superior e por isso espera apenas que se pronunciem os Reitores e Conselhos Escolares de Coimbra e Porto, visto a nossa Universidade ter dado já a sua opinião definitiva:—A necessidade duma 2.^a epoca de exames, por um periodo transitorio.

Os nossos colegas de Coimbra e Porto estão tratando deste assunto com o maior interesse.

Dêles, da sua acção junto dos Reitores, depende agora a resolução desta situação que é grave, visto estarmos ás portas dos exames.

Vamos vêr!... Por cá, fizemos tudo quanto era possível conseguir!..

Luiz Soeiro dava a conversa como finda, estendeu-me a mão que eu segurei para lhe desfechar a ultima pergunta, a pergunta ponto final, que eu sabia ser indiscreta:

— E o que ha sobre uma certa viagem a Cuba a realizar nas ferias grandes?

— Sobre isso, posso-lhe por enquanto dizer que a iniciativa dessa viagem e a sua organização, caso se faça, pertence exclusivamente á Federação Academica de Lisboa e ao Senhor Ministro de Cuba, o Sr. D. Henrique Molina, que tem dado a êste projecto o melhor do seu admiravel entusiasmo e para quem vai desde já, a gratidão que lhe devêmos.

— Mas...

— Mas... agora é cêdo para falar!

Tenha paciencia!...

Em breve conversarêmos outra vez e sempre com muito prazer!

Antonio Julio

No proximo numero

a Europa e a humanidade — Diogo Ortiz

carta de Madrid — Pequito Rebelo

renascem os frontões do Capitolio — A. de Mendonça-Dias

politica-Academica — ouvindo o Presidente do Orfeão Academico de Lisboa

politica
■ ACADEMICA ■

publica

UMA CARTA DE PEDROSO
DE LIMA

PRESIDENTE DA ASS. ACAD. DO I. S. C.

OS SERVIÇOS DIPLOMATICOS E CONSULARES E... A SEARA NOVA

*D*o nosso amigo Sr. José Peároso de Lima, ilustre Presidente da Associação Académica do I. S. C., recebemos uma carta, a que, com o maior prazer, damos a devida publicidade.

Aberta fica nas nossas modestas colunas, a todos os estudantes, camaradas ou adversários, a questão que Pedroso de Lima óra nos promete levantar, zelando como lhe cumpre os interesses da sua Escola. Condições: correção e gramatica.

Se o debate se estabelecer, oportunamente exporemos como nos cumpre, o nosso ponto de vista, dada a importancia do assunto.

N. aa R.

Snr. Director e presado Colega

Acabo de tomar conhecimento do seu amavel oferecimento, tanto mais valioso quanto é certo que não existia entre nós uma revista académica, que, pela sua indole não especializada, permitisse a todos os estudantes tratar das questões de interesse academico e escolar.

Com os meus melhores agradecimentos, peço-lhe me permita que, oportunamente, lhe tome um pouco de espaço, para algumas considerações que entendo dever fazer ao artigo do Sr. Carlos da Cunha e Vasconcelos, na «Seara Nova» sobre a organização dos serviços diplomaticos e consulares e os Institutos Superiores de Comercio.

Creia-me, etc.

José Ferreira Pedroso de Lima

a Anti-Nação

I

«Quando uma nação perde a individualidade, cessa de ser corpo e faz-se pó» (1)

DIA a dia, com persistencia e continuidade, que de há pouco mais de um seculo para cá, se tem vindo operando a dissociação e consequente enfraquecimento da nossa Pátria.

Tudo quanto constituía «a essência viva do génio da nossa raça», tudo quanto era vincadamente nosso, producto e carácter da civilização portuguesa, tem sido numa acção tenaz, criminosamente esquecido e desprezado, a ponto de, quasi se perder aquela consciéncia colectiva, que é a mais sólida garantia da vitalidade duma Pátria.

Inoculámos, em 1820, os gérmens da divisão e discórdia; ensinouse de aí em diante aos portugueses o desprezo pela religião á sombra da qual a sua unidade política se realizára, abastardou-se a lingua, esqueceram-se usos, costumes e virtudes que fizeram grandes os nossos maiores. (2)

O sentimento patriótico obliterou-se, a tal ponto que toda a vida portuguesa de então para cá, quasi só tem sido uma série de acções anti-patrióticas, uma conspiração permanente de portugueses contra Portugal. (3)

Deturpa-se a história. A nossa história official mais parece feita pa-

(1) — Malheiro Dias — Exortação á Mocidade pg. 47

(2) — «O pae dum amigo meu, em 1836 ou em 1848, num odio repentino a tudo o que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se á sua mobilia antiga, de pau preto torneado e de assentos de couro lavrado, e num só dia vendeu, queimou, sepultou em sótãos, dispersou todas essas formas vetustas, que lhe vinham do passado: depois correu a um estofador da esquina, e comprou, ao acaso, num lote, uma mobilia franceza. O que este homem fez todo o Portugal o fez. Num rompimento desesperado com o velho regimen, tudo quebrou, tudo estragou, tudo vendeu.

Achou-se de repente nú; e como não tinha já o caracter, a força, o génio para de si mesmo tirar uma nova civilização, feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se á pressa numa civilização já feita, comprada num armazem, que lhe fica mal, e lhe não serve nas mangas.»

Eça de Queiroz — Últimas paginas, Porto, 1912, pg. 485

(3) — Em 1807 uma deputação maçónica vai indecorosamente vestida á franceza cumprimentar Junot a Sacavem.

— Em 1832 desembarca na Praia dos Ladrões uma coluna de 7.500 estrangeiros, organizada por maus portugueses contra Portugal, ás ordens dum soberano estrangeiro e apoiada por uma esquadra inglesa do comando de Napier.

— Em 1847 é pedida por portugueses uma intervenção estrangeira, entrando

ra despertar o desprezo por Portugal, do que o orgulho de sêr português. A teoria dos Senhores Reis que fizeram a grandesa da Pátria, vista à luz da história oficial, parece uma galeria de criminosos celebres. (4)

E quando a rectificação histórica começa a sêr feita, com imparcialidade e verdade, impondo-se às consciências, quando se começa a tornar impossível impôr a mentira oficial, proíbe-se oficialmente o ensino da história. (5)

Ultraja-se a dignidade da Pátria, glorificando-se traidores e assassinos. (6)

Pejam-se as nossas praças públicas de monumentos a quanta mediocridade produziu entre nós o constitucionalismo, como se já não houvesse verdadeiras glórias portuguesas a comemorar. (7)

Quem fosse orientar-se pelos nossos monumentos modernos, poderia chegar à conclusão de estar na *pátria jurídica* do Sr. Bernardino Machado, mas não a de estar em terras de Portugal.

Mas tambem, honra lhe seja, de há um século para cá que a Intelligência Portuguesa tenazmente protesta. Já Oliveira Martins dizia: «D'ahi vem o caso, talvez unico na Europa, de um povo que, não só desconhece o patriotismo, que não só ignora o sentimento expontaneo de respeito e amor pelas suas tradições, pelas suas instituições, pelos seus homens superiores; que não só vive de copiar, literaria e politicamente, a França, de um modo servil e indiscreto; que não só não possui uma alma social, mas se compraz em escapecôr de si proprio, com os nomes mais ridiculos e o desdem mais burlesco. Quando uma

em Portugal um exército espanhol sob o comando de D. Manuel de la Concha, e uma esquadra inglesa.

— Ultimamente mais uma vez maus portugueses apelaram para a intervenção estrangeira: outro intuito não tinha a demarche dos partidos políticos junto das Legações em 1926 e mais tarde junto da Sociedade das Nações.

(4)— Eis como a história oficial apresenta os Srs. Reis Portugueses: D. Atonso Henriques — um salteador; D. Sancho II — um fraco; D. Pedro I — um doido mau; D. Afonso IV — um rancoroso; D. Fernando I — um amoral; D. Afonso V — um leviano; D. João II — um sanguinário; D. João III — um *beato*; D. Sebastião — um pedaço de asno; D. João IV — um irresoluto; D. Afonso VI — um degenerado; D. João V — um perdulario; D. João VI — um *pusilanime*; etc. etc.

(5) — Actualmente não é exigida a materia de história no exame de instrução primaria, e no curso dos liceus para os alunos que se destinam á secção de sciências a Historia de Portugal só é ensinada no 5.º ano juntamente com a parte contemporânea da História Universal.

Ultimamente, porém, a remodelação dos programas de instrução primaria decretada pelo Sr. Gustavo Ramos, visa a remediar este estado de coisas, reconciliando-nos com o passado, em nome da verdade histórica.

(6) — Vide lápide do campo de St.ª Ana glorificando a traição de Gomes Freire e o túmulo-monumento aos regicidas.

(7) — Não tem estátua Nun' Alvares, o Mestre de Aviz, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Pedro Nunes, D. João de Castro etc etc e dos modernos Mousinho de Albuquerque, Fialho de Almeida, João de Deus, etc.

POLITICA

nação se condena pela boca dos seus proprios filhos, é difficil, se não impossivel, descortinar o futuro de quem perdeu por tal forma a consciencia da dignidade colectiva.»⁽⁸⁾

Foi contra a desnacionalisação de Portugal, apontando com acuidade as causas da nossa decadência e os remédios contra os nossos males, que se ergueu e surgiu, numa reacção admiravel de intelligência e belesa, o Integralismo Lusitano.

Como disse Malheiro Dias, «chegou a hora intransferivel de voltarmos a sêr portuguezes, despojando-nos das várias denominações sectárias que nos esfarrapam, pois só na unidade de fé, na unidade de acção, na unidade de patriotismo encontraremos as forças resistentes e estimulantes da salvação.»⁽⁹⁾

E porque assim é, impõe-se que combatamos tenazmente todos aqueles que se opõem a que voltemos a sêr portuguezes.

Ora tôda essa obra de desunião e ruína é, e tem sido operada e inspirada por um inimigo que vive connosco como os germ-nes patológicos num organismo doente. Esse inimigo opera intencionalmente com intelligência e pertinácia.

Ele é o agente transmissôr, o veiculo de tudo quanto nos divide, de tudo quanto nos separa, de tudo quanto é contrário à coesão nacional.

Foi êle quem substituiu, apoiado nas baionetas estrangeiras, a nossa Constituição Essencial e as nossas liberdades de povo livre por uma constituição-burla e por uma Liberdade-ignominia.

Foi como agente dêle que um soberano estrangeiro (português renegado), insultou a nossa dignidade de Nação-livre, atirando nos à cara uma carta de alforria, como se fôramos um rebanho de escravos.

Foi êle quem deturpou a história-pátria e quem, como suprema afronta, glorificou os traidores à nossa raça. E' ele que numa guerra feroz contra a religião dos nossos maiores, não só a insulta, como a combate, já directamente, já indirectamente pela introdução do protestantismo, do espiritismo, do teosofismo, que são outros tantos fermentos de desagregação e ruína.⁽¹⁰⁾

A todos êsses fermentos de dissociação e morte chamamos nós anti-nacionais.

Ao seu agente inoculadôr e transmissôr, consciente e intelligente, numa palavra à Maçonaria, podemos nós, pois, com propriedade, cha-

(8) — História de Portugal, pg. 297

(9) — Obra cit. pg. 63

(10) — Não queremos com isto significar que imponhamos a todos os portuguezes a Religião Católica, Apostólica, Romana, mas sim o respeito que lhe é devido por sêr a da grande maioria dos portuguezes e por têr sido sob o seu influxo e no seu seio que se formou a nossa Pátria. O que é incontestavel é que a unidade religiosa é um dos mais poderosos factores de coesão, e, portanto, tudo quanto tente quebrá-la, tenta *ipso facto*, enfraquecer-nos.

mar a **Anti-Nação**. Aos mações, muitos dêles instrumentos inconscientes da Maçonaria, podemos com justeza aplicar, invertendo-a, a frase célebre do Duque de Orleans: «tudo quanto é anti-nacional é dêles»

E isto é assim a tal ponto que um republicano-liberal pôde dizer com consciência: «não sou mação porque sou português.» ⁽¹¹⁾

Nos artigos seguintes mostrarei com imparcialidade e serenidade o que é a Maçonaria. Que todos os mações que ainda guardam sem perversão o amor á Patria me escutem.

A' meditação de todos os que, sendo sinceros, me julgarem injusto ou excessivamente violento, ofereço desde já esta pequena amostra: **«O Gr. Or. Lus. Un. Sup. Cons. da Maç. Port. SÓ reconhece a soberania do povo maçónico, sem distinção de ritos».** ⁽¹²⁾

Ruy d'Almargem

⁽¹¹⁾ — Da Cunha, no jornal «A Voz»

⁽¹²⁾ — Art.º 7.º da Constituição do Grande Oriente Lusitano Unido, aprovada em sessão da Grande Dieta de 20 de Maio de 1919 e promulgada por decreto n.º 3 de 22 do mesmo mês do Gr. M. Sob. Gra. Com. S. de Magalhães Lima, 33.º. Publicada no n.º 7 (1 de Junho 1919) do Boletim Oficial do Grande Oriente, composto e impresso na «Imprensa Moderna» — R. Cândido dos Reis 51 — Porto.

INTEGRALISMO LUSITANO

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos, que em reunião desta Junta, foi nomeado o nosso camarada Antonio Maria de Amaral Pyrrait, da F. D. para secretário de redação da «Política» e foram nomeados para a Direcção do Nucleo Escolar da Faculdade de Direito os seguintes camaradas:

Nucleo de Direito

PRESIDENTE — *Alfredo M. Pimenta*
 V. PRESIDENTE — *Pedro Eugenio Mercier Marques*
 SECRETARIOS — *Alexandre d'Almeida Fernandes*
 — *Domingos Mascarenhas e Silva*
 TESOUREIRO — *Luis Augusto da Silva e Sabbo*

A Junta Escolar de Lisboa

A N T E R O

AINDA não vão longe os écos da recente consagração á memoria do maior pensador portuguez moderno, do poeta admiravel dos *Sonetos* que em prosa e rima, expôz e definiu as mais elevadas concepções da philosophia e da sciencia, para alem do que ao homem é possivel explicar com precisão.

Com a consagração do poeta, erigindo a máscara torturada do pensador profundo — um pedaço de psicologia que o artista transpôz á pedra — sobre um bloco de mármore, de nobre e moderna traça, parece que de um certo modo e em boa parte, foi cumprida a antiga intenção, de portuguezes de terras do Continente e dos Açores, de homenagear a memória illustre de Antéro de Quental levantando-lhe um monumento que dignamente a perpetuasse. De facto este compromisso em aberto de ha muito, afigurava-se-nos tanto mais superiormente imperioso de solução, quanto nesta Terra do Santo Condestavel abundam bastantemente os mármores comemorativos de personalidades *em destaque*, mas que, para honra de Portugal uma boa parte dos portuguezes assim não considera, ou esquecerá com o tempo, a pouco, a pouco, a memória desses idolos de pedra e de pensamento quasi sempre falso e vão.

Congratulemo-nos pois com esta recêntissima consagração ao génio do pensador e do filósofo levantando-se em nossos dias, num recanto ensombrado do Jardim da Estrela, um pequeno mas nobremente significativo monumento, em memória duma das maiores vitimas da *incerteza em Deus* que a philosophia materialista do século XIX pretendia admitir e estabelecer.

A vida de Antéro foi toda de tragédia, de incerteza, um emaranhado de duvida e de pessimismo. Vivendo numa rara inquietação mental, numa pesquisa tenacissima da verdade eterna e social, Antéro forneceu-nos realmente um exemplo do curioso paralelo em que, como escreveu Antonio Sardinha, «pela primeira vèz entre nós, no drama duma intelligência, se vivia e agitava o drama de um século inteiro, na sua ânsia de emancipação e na sua simultânea impossibilidade reconstrutora». O poeta-pensador foi pois, mais do que nenhum outro portuguez, tristemente vitima do século de renovação intensa, viciosa e corruptora em que viveu, que a sua irrequieta geração como o proprio Antéro confessa na conhecida carta auto-biográfica datada de maio de 1887 dos Açores a Wilhelm Storck, foi de todas «a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição».

Educado cristãmente nas velhas tradições católicas dos seus maiores, toda a evolução para a *dúvida* se deu porem rapidamente ao tomar contacto com a renovadora mocidade universitária do seu tempo, arrancado como foi, do viver quasi patriarcal — escreve ainda Antéro na sua auto-biografia — de uma provincia remota e immersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as desencontradas correntes do espirito moderno. E assim Antéro que nascera cristão e católico duma das mais antigas familias morgadias estabelecida desde os primeiros tempos da colonização, na velha donataria do duque de Coimbra, assaltado atrozmente pela incerteza, lança-se numa campanha inquietante e angustiosa e toda a sua existencia foi realmente a dum verdadeiro e audaz «pesquizador de Todo-o-Saber».

Uma vida de tortura foi a sua, na expressura intensa da dúvida do filósofo, tanto mais trágica e terrível quanto, é o proprio Antéro que ainda nos elucida, «espirito naturalmente religioso tinha nascido para crer placidamente e obdecer sem esforço a uma regra reconhecida». E assim Antéro que nascera cristão e católico vagueou a vida inteira em busca da verdade, ora crendo na *inteligência* capaz de expôr e definir os magnos problemas da Creação, ora reconhecendo finalmente que «a inteligência humana é fraca e acanhada de mais para poder compreender, dominar e governar cousa tão complexa como é o homem». E acrescentava «o instinto, afinal, valia muito mais para esse fim». E Antéro que nascera católico, parece ir depois em procura do velho budismo asiático, mas inteligência criadora e ocidental, afasta-se para bem longe daquela noção do *bem estar* que os budistas creem atingir pela inexistencia, pelo não-ser, definindo com grandeza aquilo a que chamou a *impersonalidade*, em carta a Jaime de Magalhães Lima em maio de 1888: — «Vivendo (o homem) cada vez mais para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcela do *eu* egoista que tanto nos ilude, tanto nos faz sofrer e errar, irá entrando gradualmente naquela região da *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude». Como estamos longe do Nirvana oriental, como a personalidade de Antéro define e consegue vincar, na sua filosofia o sulco eterno da civilização do Occidente, a que melhor compreendeu, em nosso entender, a doutrina prégada por Cristo em terras remotas da Judeia ha mais de dezenove séculos.

No campo da sciência politica Antéro fornece-nos ainda conceitos modernos do pensamento contra-revolucionário, de tal mode que as suas conferências da *Internacional* que dariam razão ao tremendo libelo contra o Marquez d'Avila, terão de ser encaradas, para uma boa análise,

por aquele modo que António Sardinha exprime, com muita verdade afirmando que o socialismo filosofico do poeta, «desguarnecido de todo o filantropismo revolucinário, não era senão a luta contra os excessos do Capitalismo pela conquista legal dos direitos do Trabalho».

Antéro não pode ser considerado portanto um socialista vulgar e não são raras mesmo as suas duvidas e até tremendas condenações á democracia, mascarando e disfarçando o capitalismo vicioso que imperava no seu tempo. Assim numa carta a Fernando Leal interrogava — «O que dará a democracia? Quem poderá dize-lo! E' o escolho onde até hoje teem naufragado todas as sociedades».

E' Antéro ainda quem em Portugal se ergue em defesa do Estado Pontificio que o espirito liberal de então á mão armada assalta e pretende, com a diminuição do dominio territorial, destruir e levar ao esquecimento dos homens a Religião de Cristo que ha tantos séculos imperava sobre o mundo. E louva com nobreza e desassombro de velho cristão a atitude de Pio IX conduzindo a Igreja a «cair inteira, mas não a render-se» perante o desacato liberal á sua instituição secular.

Por todas estas nobres razões é que, quando ainda não vão longe os écos da recente consagração á memória de Antéro, desejaríamos transpôr o pórtico do recinto onde os aplausos ressoaram unânimes para glória do poeta e do pensador, trasladando para aqui o que António Sardinha escreveu ao terminar o seu ensaio de *Ao principio era o verbo* — «se nós somos, de certo modo, o partido póstumo de Oliveira Martins, porque é que não havemos de contar Antéro de Quental entre os nossos camaradas mais velhos?»

A. de Mendonça-Dias

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de *Politica*.
Agradecemos aos nossos amigos e assinantes satisfazerem-na com a maior brevidade.

■ mais duas Liras emudeceram . . .

Mais duas líras emudeceram das raras que soltavam harmonias no desconcerto bizarro da moderna poesia portuguesa. Com AUGUSTO GIL, perdeu a nossa Terra um trovador de *escarneo e mal-dizer* milagrosamente retardado setecentos anos. Senhor duma graça maliciosa varias das suas composições encerram o mesmo espírito folgazão dos cultores desse género tão característico do lirismo galaico-lusitano.

A quadra teve nele um improvisador feliz e genuinamente português. Ferindo com profundidade a nota do sentimento como que brincava com ele misturando-lhe uma ironia levemente amarga, vizinha popular da resignação.

Lírico suave no *Luaz de Janeiro*, ironista irreverente no *Canto da Cigarra* e nas *Sátiras ás Mulheres* encontrou horas de espiritual deleite numa obra puríssima de brando misticismo acostado á doce imagem de Aquela que Fausto Guedes Teixeira cognomina de: «Estrela aonde todo o sol se mete, peito onde quebra todo o desespero quer seja como A viu a Bernardette ou a sonhou a dúvida de Antéro»... a claridadec onfortante e querida da sua *Alba Plena*.

*
*
*

ALVES MARTINS é daqueles muitos novos cujos dedos descaem inertes das cordas de ouro que tangiam enlevadamente...

Enlevadamente, com o puro amor que «a mais alegre Maria» consagra «ao mais triste dos Antonios».

Amor da Terra e do Lar cercando-o da doce eleita, este amor expresso duma forma um pouco antiga faz que o seu livro *Mulher de Bençam* seja um irmão legítimo da *Chuva da Tarde* que outro saudoso poeta com carinho ajeitou.

Os seus versos tanto da *Mulher de Bençam* como alguns da *Anunciação* teem por vezes um sabor popular e uma visão um pouco franciscana da natureza, a concorrer em Deus aliviando a dor inquieta da *Fogueira Eterna*.

F.

um Livro

«L'Action Française» e o Integralismo Lusitano

É posto á venda por estes dias o livro de Hipólito Raposo «Dois Nacionalismos».

Do valor e do interesse doutrinário deste ultimo trabalho do Dr. Hipólito Raposo, nada necessita dizer-se, sabido como é de todos nós, nacionalistas, quanto as nossas ideias são confundidas, tendenciosamente com as que a Action Française defende e em que se baseia.

Transcrevemos a seguir o sumário de «Dois Nacionalismos» :

I — O estado de espirito pré-republicano da Monarquia Portuguesa em 1910. A anarquia mental na doutrina dos partidos constitucionaes e dos partidos adversos ao regimen.

A imprensa e as escolas. O facto-republica e a reacção da intelligencia. Encruzilhada de uma geração.

II — O «Integralismo Lusitano»; formação do primitivo nucleo á volta da «Nação Portuguesa».

Oposição clara e hostilidade surda : os jacobinos e os conselheiros. Os «grupos naturaes» contra o individualismo eleitoral e atómico. A Região, a Profissão, a Nação. Conceito do patriotismo militante.

III — Character da formação social e politica da França. Os chefes e condutores francos. Os carolingios. Os Capetos. O regimen feudal e a monarquia hereditaria. A hierarquia social. As guerras civis. As comunas contra os castelos. O Rei contra os grandes feudatarios. A batalha de Bouvines e o nacionalismo francez. A guerra dos cem anos — Luiz XI contra Carlos, o Temerario. A Renascença como factor da nacionalidade francesa. Unidade politica em diversidade e opposição regions, imperialismo de concentração ; o estado conforme a nação. A plenitude da soberania no poder pessoal do rei.

IV — A Lusitania e o seu destino historico.

Das «citanias» ás «vilas» romanas. Os suevos, os visigodos e os arabes.

A cruzada da reacção cristã.

As ordens militares. Os foraes — pactos de aliança entre o rei e o povo. As cortes. Os officios. A nação origina o estado. A Renascença como factor dispersivo. Os descobrimentos e o imperialismo apostolico e expansionista.

V — Dois metodos e duas doutrinas politicas. Os mestres francezes e os nossos mestres ; o que o «Integralismo Lusitano» aceitou e o que não aceitou de França.

A doutrina integralista, como indice do perfeito nacionalismo, interpreta a verdade politica portuguesa. Os sistemas de governo devem ser criações do genio e da experiencia de cada nação.

Um apostolado de sinceridade ao serviço da Terra Portuguesa. Falencia das soluções intermedias ou burguesas ; organização imediata da ordem ou revolução social.

ao ritmo da Ampulheta

CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA

Completo no passado sábado, 27 de Abril, 45 anos de vida episcopal o Sr. D. Antonio Mendes Belo. Como catolicos e portugueses apresentamos a Sua Eminencia as nossas felicitações e pedimos a Deus, conserve por muitos anos, a preciosa vida do nosso venerando pastor.

LIBERDADE DE CULTO.

Parece que a *benção das pastas* causou engulhos perigosos, á consciência láica de certa mocidade associada em extase constante, em torno dos sagrados *principios* e da intangível trilogia — «Liberdade, Igualdade, Fraternidade»

Embora se não dirijam directamente a nós esses conselhos, porque eles tendiam sobretudo a censurar os estudantes republicanos que foram á benção das pastas, censura que era um convite a reintegrar os seus créditos políticos, nos principios antigos de guerra á fé católica, no entanto, sempre queremos perguntar á mesma mocidade láica associada, onde se encontra, que a não discortinamos, a tão apregoadá liberdade de culto que permitiria a cada um ter a religião que escolhesse?

Bem sabiamos que a liberdade de culto, outra cousa não tendia senão facilitar o desenvolvimento nesta Pátria de cristãos e de católicos, de todos os créditos que podessem ofuscar, como se isso fosse possível, os sete séculos de cristianismo integral que constituem o nosso melhor orgulho de povo missionário e propagador da Fé.

Liberdade de culto e guerra ao catolicismo, quere a mesma mocidade láica, nestes dois principios, que pareceriam incoerentes, se não contituissem a propria essência da sua doutrinação libertária.

Descansem porem, que do nosso lado, dentro da Religião de Cristo, existe realmente a tão necessária *obediência* e reconhecimento da *autoridade*, que muito nos honra, e que nos tem assegura-

rado sempre o triunfo, e continuará a assegurar, embora isso pése aos inimigos da Fé e da Pátria que são uma e a mesma cousa.

A. M. D.

O PREMIO DA BELEZA...

Somos daqueles que creem com muita fé e muito solidamente na ancestralidade da Europa cristã, capaz de ainda oferecer ao mundo, como em muitas ocasiões tem acontecido, os mais nobres exemplos dos seus velhos costumes de sã moral. Não foi assim sem protestos extraídos do catecismo dos deveres do cristão, que procura sê-lo integralmente, protestos embora dispersos se bem que fundamentados com convicção e nobreza, que a velha Europa se fez já representar no concurso internacional de beleza de Galveston.

O elogio da beleza, quando se não resume ou limita á beleza interior ou moral que melhor chamariam nobreza de sentimentos, descaí lastimosamente quasi sempre no conceito pagão do belo, conceito anti-cristão que é a própria essência destes certames de Galveston.

Por isso este ano a que devia ser Miss Europa, ao ser prevenida pelo bispo de Galveston, do caracter nitidamente pagão destes concursos de beleza, desistiu nobremente da sua candidatura e preferindo continuar ignorada do mundo, forneceu um exemplo elevado de plena consciência dos deveres de cristã e a Europa pôde orgulhar se de ter ganhado uma boa cartada...

A. M. D.

OPERA MAÇONICA

Vociferava ha dias o *Seculo* contra o facto de no libreto de uma ópera portuguesa, actualmente em ensaios, aparecer o Marquez de Pombal focado numa das passagens mais tórvas e sanguinolentas da sua vida — o processo dos Tavoras. Após ter esvurmado uma tremenda catilinária sobre o autor do libreto por ter

POLITICA

a inaudita ousadia de tomar para assunto da sua obra uma tão tórpe atoarda (toda a gente sabe que o assassinato dos Tavoras não passa duma miserável calunia posta a correr pelas roupêtas negras para denegrir o immaculado e candido Marquez), o desarticulado articulista do Kolossal Kolosso... de asneiras, terminava por, num rasgo de acendrado pudôr intellectual e de acrisolado amor pela liberdade de pensamento, pedir energicamente ao Senhor ministro do Interior que não permita tão execrando atentado á intangível memória do venerando democrata e livre pensador que foi o Conde de Oeiras. Já é preciso ter topete!

Mas asneira puxa asneira e não se ficou por aqui o Kolossal fazedor de jornais. Dias após o autor do libreto respondeu explicando delicadamente a sua idea. Pois o intelligentissimo sueltista, em resposta, sugere-lhe para tema da sua ópera, sabem o quê?... Naturalmente o que ha de mais adequado para tal na vida do Marquez — a reconstrução de Lisboa após o terremoto!!

Como vêem é um assunto dum lirismo enternecedor, uma tal inspiração deixamos estarrecidos; ainda ha talentos em Portugal, valha-nos isso.

Ficámos de tal modo entusiasmados com a peregrina idea que aqui lhe damos a nossa adesão e até aproveitamos o ensejo para sugerir outros temas para futuras óperas: a Companhia dos Vinhos do alto Douro e a Fabrica das Sedas por exemplo. Arranjava-se assim, uma trilogia pombalina de lindo efeito e da mais poética inspiração!

São de força estes Kolossos... maçonicos! Com que então quem quizer realizar uma ópera não o pode fazer sem a chancela do Grande Oriente...

A. de C.

EM DEFESA DA ARTE

Tem piada neste paiz, que a democracia tornou facundo, o grande número de pessoas que estão à espera do mínimo ensejo para descarregarem os formidáveis adjectivos do seu intellecto.

E o pobre público tolera estoicamente estas explosões verbais que criam a cada momento poetas tremendos e artistas que são "montanhas" de génio.

Vão-se ver por curiosidade as obras desses talentos alpinos e encontram-se quasi sempre pequeninos ratos dolorosamente concebidos.

Quem não esteve para deixar passar um excesso de oratória realizado no Porto a propósito de Marques de Oliveira e sobretudo esse excesso de oratória vã, por quanto isso tem de vicioso e contraproducente, foi um grupo de estudantes de Belas Artes daquela cidade que saindo da attitude tacanha de "pigmeus" fez verdadeira critica num manifesto de que recebemos alguns exemplares intitulado "Em defesa da arte".

C. L.

A REALESA DE D. MIGUEL

Recebemos o livro "A Realesa de D. Miguel" por D. Miguel Sotto-Mayor — Livraria Atlantida — Coimbra.

Trata-se da 2.ª edição deste notavel trabalho dum grande e saudoso mestre da Contra-Revolução, prefaciada brilhantemente, pelo nosso ilustre camarada e distinto jornalista, Sr. Dr. João Ameal.

Livro notavel que demonstra, com insofismavel claresa, os legitimos direitos ao Trono de Portugal, do saudoso Rei o Senhor D. Miguel I. augusto avô do Senhor Rei D. Duarte II!

No proximo numero faremos a tão interessante trabalho a referencia devida, e desde já o aconselhamos a todos os nossos camaradas e amigos.

Á ilustre Familia de D. Miguel Sotto-Mayor os nossos agradecimentos pela sua muita gentileza.

«POLITICA» E A IMPRENSA

A todos os colegas que noticiaram o nosso aparecimento e nos dirigiram os méros cumprimentos da praxe, ou palavras penhor de boa amizade, agradecemos muito reconhecidos.

Para a «Voz» e para «O Correio» vão, em especial, os nossos protestos de boa camaradagem.

Agradecemos tambem muito sinceramente o significativo silencio dos.. Kolossos.

CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Civis

PARTOS—SIFILIS

CONSULTAS—Largo José Fontana, 12-2.º

ÀS 16 HORAS

DR. MÁRIO CARDIA

MÉDICO DOS HOSPITAIS

Doenças das senhoras. Partos. Cirurgia.

Tratamentos pelo rádio e electricidade

AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º—PORTO

TELEF. 4907

MIRA DA SILVA

MÉDICO

AV. ALMIRANTE REIS, 57-A, 1.º

LISBOA

DR. COSTA FELIX

INTERNO DE CIRURGIA DOS HOSPITAIS CIVIS

CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33—Tel. C. 2650

ÀS 14 H.

DAFUNDO: R. Paulo Duque

ÀS 17,30 H.

AFONSO LUCAS

ADVOGADO

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

TELEFONE C. 642

LISBOA

Sebastião Perestrello Guimarães

ADVOGADO

Escritório—RUA DO OURO 124, 2.º, D.

TEL. C. 2878

MARTINHO NOBRE DE MELLO

ADVOGADO

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º

Telef. N. 4952

LISBOA

A. NUNES E SILVA

ADVOGADO

TEL. C. 642

RUA ARCO DO BANDEIRA, 70, 2.º

LISBOA

Este numero dirigiram-no no seu aspecto
grafico *Franz Langhans* e *Valentino de Sá*
e foi composto e impresso na Tipografia
Ingleza, Ltd.^a, Rua Eugenio dos Santos,
118—LISBOA

